



SUISSA — SPLUGEN.

A aldeia de Splügen, no cantão dos Grisões, está situada em uma das paragens mais agrestes e pittorescas de toda a Suíça.

A estrada que segue para esta aldeia, bifurcando-se, fôrma de um lado o caminho que vae ao Lago Maior, e do outro a passagem, ou vereda, de Splügen, a qual conduz, por entre alcantás e precipícios medonhos, ao lago de Como.

A borda de uma torrente, de curso accidentado, o logarejo como que parece pendurado nas suas margens fragosas, apresentando o seu todo um effeito mui agradável.

Os cabeços do Splügen têm presenciado admiráveis feitos de armas; não sendo o menos portentoso a corajosa, ou antes a temeraria marcha de uma parte das tropas de Bonaparte, primeiro consul, sob o commando especial do intrepido general Mac-Donald, em 1800.

Hoje, porém, os pacíficos habitantes de Splügen apenas são distraídos dos seus rudes trabalhos pastoris pela passagem frequentíssima de viajantes tão inoffensivos como elles.

A torrente põe em movimento tres moinhos e uma fabrica de serração de madeira. Existem em Splügen pedreiras de marmore e alabastro, e ali se fabrica-

vam, em outro tempo, objectos de arte de certo merecimento.

### ESTADISTAS PORTUGUEZES.

DIOGO DE MENDONÇA CÔRTE REAL.

(1658 — 1736).

#### III.

Terminados os trabalhos de tão desastrosa navegação passou Diogo de Mendonça a Londres, de lá embarcou para a Haya, côrte dos estados geraes de Hollanda, aonde fez a sua entrada publica, adequada ao caracter que representava, e á magnificencia e luzimento com que era costume então realçarem os ministros a dignidade da missão.

Seguiram-se depois ás fadigas das viagens, e aos incommodos dos cortejos os cuidados e diligencias de uma negociação laboriosa, consummada com tanta utilidade do reino, quanta foi a gloria que lhe resultou, e a capacidade e prudencia com que se abo-nou para a vencer.

O objecto da enviatura de Côrte Real a Hollanda eram as queixas do nosso commercio, e as offensas da corôa, nascidas do atrevimento com que os vas-

sallos de Hollanda, sem fé nem razão, ultrajavam a bandeira portugueza, aprezando navios, que ella cobria, e desprezando a segurança de uma paz de muitos annos, jurada e mantida entre as duas potencias.

À estranheza do caso uniram-se em Lisboa os clamores dos interessados, e antes que o descontentamento, lavrando, chegasse a rebentar em incendio, rompendo a guerra entre as duas nações, decidiu o gabinete de D. Pedro II tentar as vias de conciliação, compondo por meio de um ministro habil as divergencias, e resguardando o decoro e os interesses da monarchia.

Diogo de Mendonça desejava desempenhar-se com lustre d'este primeiro encargo, certo, como avisado e previsto, de que em todas as carreiras são sempre os primeiros passos os que influem no futuro.

Tomando, pois, o pulso ás difficuldades, não achou menores do que receiava, nem viu nos homens aquella lisura e clareza, que facilitam em vez de entorpecer; logo conheceu, que tinha de travar demorada porfia com a avidez e a dissimulação, oppondo a agudeza aos artificios da ultima, e a firmeza ás ambiguidades da primeira.

Os hollandezes não podiam negar a verdade patente, nem as injurias da nossa corôa, nem ousavam abraçar tambem abertamente a causa dos piratas, que á sombra da amisade, vinham roubar fazendas e embarcações navegadas na lealdade dos tratados; mas desculpavam-se com a indole andaz e indisciplinada dos naturaes de Flessinga, com a cobiça que os arrastava, e com a falta de repressão, que os animava a fazerem pouco ou nenhum caso das leis e dos deveres.

Prolongaram-se as conferencias sobre o assumpto, mudando de aspecto a cada phase, e variando os negociadores nas palavras e no accôrdo, mais zelosos de fugir á reparação, do que de satisfazer ás obrigações de sincera correspondencia.

Finalmente, a 22 de maio de 1692, conseguiu Diogo de Mendonça o que se propunha, e a nossa côrte confiara do seu talento, ajustando todas as dissidencias no tratado assignado na mesma data, e concluindo-as com tanta honra da corôa portugueza e credito de sua pessoa, que os estados geraes se responsabilisaram ao pagamento de outenta mil patacas, como indemnisação das prezas, as quaes de feito se arrecadaram pelo rendimento do sal de Setubal, consignado á republica em virtude do tratado de 31 de julho de 1669, e depois de cobradas se repartiram na devida proporção pelos interessados, precedendo a previa avaliação das suas perdas.

Este serviço relevante não foi, entretanto, o unico que prestou Côrte Real na sua enviatura.

Aproveitado o ensejo occupou-se de resolver outro negocio, ainda pendente, que tinha sido o escolho de anteriores negociações, e até á sua vinda offerecera sempre graves obstaculos a um ajuste definitivo. Eis o caso.

Na guerra da America, movida contra as possessões portuguezas pela ambição de Hollanda, o amor ardente da independencia, e o esforço heroico dos habitantes, menos soccorridos a principio pelo reino do que era justo e necessario, acabaram por desoprimir a capitania de Pernambuco do jugo e dominio dos capitães e commissarios dos estados, encerrando-se a lucta de longos annos pela entrega do Recife, ou cidade Mauricia, ultima e fundada esperanza dos conquistadores, debaixo de condições que foram ratificadas, mas que por motivos differentes a nossa côrte não tinha cumprido ainda inteiramente.

Versava o litigio sobre a clausula, que nos obrigava a restituir a fazenda a alguns hollandezes, em virtude da promessa feita sobre as armas. No momento em que a republica nos compensava o damno das prezas maritimas, pagando outenta mil patacas, era impossivel deixar de confessar o direito, que lhe assistia para exigir de Portugal identico procedimento para com os subditos, a que dera a sua garantia.

Como habil acceitou logo Diogo de Mendonça todas estas consequencias, applicando-se na discussão e nos apertados exames que estabeleceu, a diminuir, e a attenuar mesmo de um modo consideravel a extensão e importancia das indemnisações. Assim o obteve.

Ponderadas as suas razões, e em presença de um rigoroso inquerito lavrou-se o tratado de transacção de 27 de novembro de 1697, seguido da convenção de 28 do mesmo mez, pela qual nos obrigamos a pagar a cada um dos herdeiros de V. Douker, e de G. Wit a quantia de onze mil cruzados, cedendo elles d'ahi em diante de todas e quaesquer allegações de compensação.

Em 19 de fevereiro de 1694 ratificaram os estados geraes solemnemente os dous tratados, os litigantes convieram e applaudiram-se, e este fermento de discordia foi removido com pequeno sacrificio, e a contento de todos os interessados, depois de entreter perto de quarenta e um annos os dous gabinetes, servindo em repetidas occasiões de pretexto á má vontade dos ministros hollandezes, inspirados pela influencia que exercia o interesse particular de duas familias, que souberam empenhar a seu favor toda a auctoridade da republica.

#### IV.

O exito da sua missão na Haya exaltou o merecimento do ministro no conceito do soberano; e determinando mandar um enviado extraordinario á côrte de Carlos II, rei de Hespanha, lançou os olhos sobre Diogo de Mendonça, nomeando-o por fins de 1693 para desempenhar aquelle novo cargo.

Obedeceu o vassallo com satisfação, porque via na mudança o galardão dos serviços passados, e o agrado do principe; e em maio do seguinte anno encontrámo-lo em Madrid, fazendo a sua entrada publica, e confirmando com a pessoa os louvores que o nome já lhe havia grangeado.

Em Hespanha as qualidades e a instrucção de Diogo de Mendonça foram apreciadas do mais lisongeiro modo. A amenidade da trato, a cortezia das palavras e acções, e a graça espirituosa da sua conversação, depressa o tornaram não só bemquisto, mas prezado e querido.

A nobreza castelhana, tão orgulhosa de sua linhagem e titulos, com frequencia o elegia seu arbitro nas contendas, que nasciam entre ella, e desuniam os fidalgos; e as vontades menos doces timbravam em annuir aos conselhos, com que moderava a paixão em uns, e invocava a grandeza d'animo dos outros, sempre no intuito de os aplacar.

Por sua intervenção se ajustaram assim pacificamente discordias, que promettiam graves conflictos, e se uniram por casamentos corações, que antes se aborreciam mais do que se harmonisavam.

A morte de Carlos II veio perturbar o sócego do ministro de Portugal, e a paz da nação hespanhola. A guerra da successão, posto que não declarada ainda entre as potencias, já se annunciava nos armamentos que dispunham as mais guerreiras.

Vendo assentado no throno de Carlos V e Philippe II um Bourbon de França na pessoa de Philippe de Anjou, neto de Luiz XIV, a Europa assustou-se com a ambiciosa preponderancia da casa de França, e colligou-se para lhe disputar a posse da corôa de Castella.

No principio, Portugal não se associou a esta idéa, antes reconheceu Philippe de Anjou como legitimo successor de Carlos II; mas reflectindo com mais pausa, e considerando o estado das cousas, e o perigo tão proximo para nós do ascendente da dynastia franceza em Madrid, resolveu o conselho de D. Pedro II que era de summa conveniencia atalhar o mal a tempo, adherindo á grande alliança de Inglaterra, da Hollanda e do imperio.

Coroado rei de Hespanha em Vienna d'Austria o archiduque Carlos, os tres gabinetes resolveram introduzil-o em Castella pelas fronteiras portuguezas; e sabido isto em Hespanha, se não ardêra ainda a primeira escorva, era claro que tardaria pouco a atear-se o fogo da guerra, e nas duas côrtes de Madrid e Lisboa tudo se predispunha para a sustentar valorosamente.

Ao passo que Diogo de Mendonça se recolhia ao reino, acompanhado até á raia por um corregedor do crime e uma companhia de cavallos, o enviado extraordinario marquez de Capecelatro atravessava o Alemtejo, e junto do Caya, entre Elvas e Badajoz, despedia-se, não sem pezar, de um reino aonde achára sempre agradável e delicada hospitalidade.

Em dezembro de 1703, restituído á côrte Diogo de Mendonça, não aguardou muitos mezes ocioso as ordens do monarcha. A 2 de abril de 1704 recebeu a nomeação de secretario das mercês e do expediente de el-rei, passando-se-lhe a respectiva carta em 24 de março do seguinte anno.

N'este meio tempo aportou á barra de Lisboa (9 de março de 1704) o archiduque Carlos, com uma armada de duzentas velas; e D. Pedro II, unindo á empreza começada as tropas e a pessoa, saíu da côrte a 28 de maio, marchando para a provincia da Beira, por ondê o plano anteriormente concertado riscava que devia intentar-se a conquista.

Côrte Real acompanhou o monarcha, servindo-lhe de secretario de estado; e é de crer, que na sua previsão cautelosa anticipasse o pouco successo de tão apparatusas armas, e o desgosto de el-rei por não achar que a campanha correspondesse ás disposições tomadas para ella se fazer rápida e brilhante.

A enfermidade de D. Pedro II apressou a sua volta para Lisboa, aonde chegou a 17 de novembro de 1704, confiando a Diogo de Mendonça, além das funcções, proprias do exercicio do seu lugar de secretario das mercês, a administração de todas as repartições e municiamientos da guerra, as quaes o ministro dirigiu até á conclusão e firmeza da paz em Utrecht, a 6 de fevereiro de 1715, muito depois da morte d'el-rei.

D. Pedro II falleceu em dezembro de 1706, e D. João V, seu filho, succedeu-lhe em idade ainda tenra. Ouvindo muito os conselhos do padre Luiz Gonçalves, da companhia de Jesus, affeiçãoado ao partido austriaco, e attendendo não menos o voto do conde de Vianna e do marquez de Alegrete, principiou a reinar, mais notado de timido e perplexo, que de audaz e resolutivo. A mocidade e a pouca experiencia é que o tolhiam.

Apenas tomou com tacto mais firme o pezo ás difficuldades, e aprendeu a conhecer melhor os homens e as cousas, ergueu a cabeça, e não sem admiração

o viram todos dispensar validos e ministros do despacho universal, decidindo pelos seus olhos e regulando todos os negocios civis e militares da administração.

A reputação merecida de Diogo de Mendonça tinha disposto a favor d'elle o animo do principe, e logo em abril de 1707 alcançou a mais agradável prova d'isso. Em memoria dos serviços relevantes, prestados ao defuncto rei D. Pedro, D. João V nomeou-o seu secretario de estado, mandando-lhe passar a carta competente a 27 do mesmo mez.

Pareceu acertada a escolha, idonea a pessoa, e bem aconselhado o soberano. Chamando para o seu lado um homem de reconhecida aptidão, rico de saber e allumiado de luzes praticas, o novo monarcha poupava-se a grandes dissabores, e principiava o seu reinado por um acto de prudencia, cujos effeitos afortunados havia de colher dentro de pouco tempo com satisfação publica, e applauso proprio.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

## SUMÉ.

LENDA MYTHO-RELIGIOSA AMERICANA,

RECOLHIDA EM OUTRAS ERAS

POR UM INDIO MORANDUCARA, AGORA TRADUZIDA E DADA Á LUZ  
COM ALGUMAS NOTAS POR UM PAULISTA DE SOROCABA.

Annuntiabo tibi grandia...

JEREM. CAP. 33

### I.

Posterios! Não duvideis do que idês ler. Porque estas linhas só verão a luz quando a paz e a justiça reinem na terra do Cruzeiro, e haja n'ella quem entenda e quem creia as palavras proferidas em nome do Senhor.

Então a verdade triumphará e radiará como a luz do sol. Porque o sol é a imagem da verdade, como o trovão o echo de Tupan (1) terrivel e omnipotente.

E a mesma verdade terá um dia adeptos inspirados que bemdirão ao Senhor, entoando cantos e canticos ao seu apostolo...

### II.

N'aquelle tempo achando-me no cimo da serra entre nevociros, o céu ribombava medonho.

E ouvi uma voz que dizia: «Levanta-te! Que és o escolhido para contar aos vindouros os prodigios que passareis a presenciar.

«Porque a sciencia prefere desposar-se com os pobres e modestos, que tem a consciencia pura e sã.

«E Jehovah te infundirá o conhecimento da lingua dos profetas, para que leias o que está escripto, e para que possas escrever.»

E em sobresalto e alvoroço apenas me occorreu responder: «A minha alma se engrandece, e o meu espirito se alegrará de servir a Deus meu Creador! Gloria ao Senhor nas alturas, e paz na terra entre os homens que o adoram.»

### III.

E no dia immediato eu me vi transportado á foz do maximo rio (2).

E a meu lado estavam uns rolos com o texto das Escripturas Santas.

(1) Divindade ou cousa semelhante para os indios tupis.

(2) Amazonas.

Porém ali as aguas cresciam e cresciam; e por fim rebentaram com medonho estampido (1).

E as ondas salgadas como que ameaçavam invadir toda a terra... O ruido que faziam similhava ao de mil gigantes entoando juntos po...ro...ro...ca!... E depois do estampido tudo serenava. Logo se me inlevavam os ouvidos com a melodia de vozes que não pareciam de mortaes, e com o som de instrumentos que nunca tinha ouvido.

Eis que divisei a Sumé, que parecia vestido de graça.

A pelle do seu rosto resplandecia, e o seu olhar era sereno, e os seus cabellos eram como os raios do sol, e as barbas que lhe ornavam a frente pareciam ter brilho e esplendor.

E deixára outras terras do septentrião, onde percorrera uma por uma as ilhas invadidas pelos caribes canibaes.

E em todas haviam os povos sido surdos á sua voz, incorrendo por isso na maldicção do Senhor...

Deus Eterno! Vós que me haveis inspirado ardente zêlo para escrever estas linhas, alumiae-me com a unção da vossa divina graça, e não deixeis de infundir em meus leitores a fé divina, sem a qual nada ha na terra de bom, nem de grande.

Será Sumé o mesmo apostolo Thomé, a quem coube tambem em partilha o annunciar o verbo no oriente?

Perdoae, Senhor, se um indio moranduçara (2) se arroja a querer penetrar os vossos mysterios arcanos.

Porém vós ordenastes aos doze escolhidos que fossem por toda a terra... e elles por certo vos obedeceram; como antes d'elles vos obedeceram, alumian-do igualmente no occidente como no oriente, o sol e a lua, que creastes no quarto dia...

#### IV.

E a turba immensa de gentios deixava as suas tabas, (3) construidas sobre troncos de arvores em meio das aguas do maximo rio, (4) ou vogava em velozes e ornadas canoas lavradas de um só madeiro; e movida da curiosidade vinha apinhar-se em redor do enviado do Senhor Deus.

E todos uns aos outros diziam: Quem é o novo hospede? E a que vem por aqui?

E como ninguem soubesse explicar, Sumé lhes respondeu: «Me chamo Sumé: sou o enviado do Senhor, e venho a resgatar vossas almas do captiveiro.»

Olhavam os barbaros uns para os outros em ar de quem nada havia entendido.

Conheceu-o Sumé, e erguendo de novo a voz proseguiu:

«Venho ensinar-vos a conhecer o verdadeiro Tupan, e a amal-o, amando a virtude.»

E os povos o ouviam, e se riam com desentoadas gargalhadas.

«Maldictos os que escarnecem dos ministros do Senhor,» exclamou uma voz nas alturas.

«Ouvide-me,» proseguia Sumé, «que venho ensinar-vos o modo de vos regerdes pelas leis da sociedade civil, e de fazerdes productiva a madre terra, mais fecunda que mil de vossas mulheres.»

(1) Phenomeno do macaréo que tem logar á foz do Amazonas, do Maranhão e de outros rios do Brazil, com o nome de *pororoca*.

(2) Os indios tinham *moranduçaras* que eram simples narradores de contos: e *nhengaraçaras* que eram os seus cantores ou poetas-musicos.

(3) Aldeias.

(4) Amazonas.

E as turbas vozearam e o trataram de impostor. E elle continuava:

«Para que tanto afan e tanta incerteza, buscando unicamente na caça o sustento? Para que tanto trabalho com os vossos arcos?...»

Eis que em meio de um prolongado urro geral, partia contra Sumé um chuveiro de settas disparadas de todos os arcos.

Porém nenhuma o feria, e uma a uma caíam todas a seus pés, e algumas voltavam a ferir os proprios que as haviam disparado.

Então os homens atemorizados, fugiam todos, uns para as bandás do occidente, e outros para as do meio-dia.

Entretanto ficavam com Sumé as mulheres, e todas ellas disseram como acreditavam no poder do novo Tupan.

E Sumé lhes prégo a palavra do Senhor.

E por fim lhes disse: «Ide, que em quanto tiverdes fé dominareis vossos maridos, e vencereis aguas arriba todos os que não acreditarem em quanto vos revelei.»

«E quaes matronas das margens do Thermodonté, da outra banda dos mares d'onde procedeis, sereis vós mais fortes do que os varões descrentes.»

E como faremos fecunda, como nós, a madre terra? Atalhou Xingú, de todas as novas Amazonas a mais bella.

Então quebrou Sumé o ramo de um arbusto, e enterrou parte d'elle.

E tomou tres sementes, e as cobriu de terra.

E disse: Quando passem tres luas colhereis.

E ensinando depois como dos fructos se preparariam os alimentos, desapareceu.

#### V.

Ao cabo das tres luas foi Xingú ao sitio; e viu as tres plantas nascidas das tres sementes, todas carregadas de sendos fructos.

E de um pé de milho recolheu muitas maçarocas; e de certo legume as vagens meias seccas, e de uma planta reptante de folhas grandes os girimús e as cambuquiras.

E não vendo fructos no arbusto que resultára do ramo plantado, tratou-o de resto.

Nem que duvidasse da promessa de Sumé, da mesma fórma que Moysés tocando no rochedo hesitára se brotaria d'elle o manancial.

E n'esse mesmo sitio fez Xingú novas sementeiras, e colheu os fructos dentro do mesmo prazo n'aquella terra de promissão.

E repetiu as colheitas: e n'uma d'ellas, profundando um pouco, junto ao pé do arbusto plantado por Sumé, encontrou uma raiz branda, e notou que as folhas pareciam representar a mão e os dedos do proprio Sumé.

Então caiu Xingú em si, e conheceu a sua culpa.

Era o arbusto um pé de maniba ou da planta da mandioca.

E esta planta, em virtude da culpa de Xingú, se viciou; não só avezando-se a ser mui demorada e tarda em crescer e em formar-se, como sendo venenosa, antes de ser de proveito.

#### VI.

Entretanto Sumé passára á ilha (1) que remata a peninsula banhada pelas aguas do Meary e do Itapicurú.

(1) Ilha do Maranhão.

E n'esta ilha se patenteava aos povos entre salvas e estampidos de uma nova pororoca.

E ali estavam já muitos dos que se haviam retirado da foz do maximo rio.

E todos sabiam o que se passára; e se juntaram em conselho para resolver que fim dariam áquelle *caipóra*, (1) que por tal o qualificaram.

Apesar d'isto Sumé não deixava de lhes bradar: «O espirito do Senhor fallará por mim, e o seu verbo será proferido pela minha bôca.

«Vinde, filhos meus, e escutae-me. Ensinar-vos-hei a temer a Deus. Correi: em quanto vos dura a luz da vida, e antes que com a morte se vos faça noute.

«Venho arrancar-vos da miseria do peccado, trazendo-vos a agua do baptismo, e impondo-vos a instituição do matrimonio...»

Porém Sumé não pôde proseguir. Porque as turbas de voz em grita o cercaram, e resolveram sacrificá-lo.

E cresciam as roncias, e o numero dos do circulo se augmentava.

E todos queriam ser os sacrificadores, mas nenhum tinha força, nem tino para poder acertar o golpe.

Porque o espirito do Senhor estava em Sumé.

Porém n'um repente conheceram como o estranho havia desaparecido.

E julgaram falta de vigilancia e descuido o que era só obra de Jehovah.

E Sumé seguiu para o occidente pela borda do mar.

E ao longo da costa lhe preparava o Senhor um arrecife por caminho; e lhe ordenava que não passasse ao sertão, sem ter primeiro em favor da sua doutrina o litoral.

Porque o mar é na terra como a imagem da divindade e o symbolo do infinito, que é o proprio Deus.

E o Senhor, creando o mar, fez d'elle como uma grande praça irregular em redor da qual estão as nações, que a atravessam em todos os sentidos, por meio de barcos e gondolas e canoas.

E Deus quando ordenou ao mar que separasse as terras viu que isso era bom.

E dispoz que das fachadas dos edificios das nações cuidassem primeiro os homens.

Porque depois a verdadeira vida e segurança e alimento de cada familia não está nas fachadas das casas, senão no amago d'estas...

## VII.

E Sumé seguia ao longo da costa do mar.

Mas essas praias e lençoes d'areia extensos e aridos estavam desertos, e os povos occupados em cruentas guerras civis pelos sertões.

Tambem umas a outras se guerreavam as cabildas que senhoreavam então as ferteis vertentes e margens dos rios Potingy e Parahiba.

E seguindo a pé enxuto pelo arrecife que se ia prolongando com a costa chegou Sumé ao districto da *Mão* ou *Braço de mar* (2) que separa do continente a ilha (3) que imita na figura um refrigerante anacardio.

Mas era então por ahí o empo da madurez d'esta fructa, que é fructa duas vezes; e em todas as tabas não se cuidava em mais do que em preparar do seu sumo os vinhos ou *cajuins* (4) fermentados.

E a gente caía ebria pelas praias e pelos matos, e não attendia a nenhuma convocação.

E passou diante das barras de alguns rios, e admirou a situação de certos morros distinctos, e com especialidade um notavel promontorio (1) que parecia buscar o nascente, e ficava proximo de um porto.

Outrosim admirou Sumé duas grandes alagôas (2) que desde o mar se engolfavam pela terra dentro.

E em todo este transito se extasiava ao admirar na propria natureza os prodigios do Creador.

O duro jequitibá ostentava sua florida grimpa no cimo de um verdadeiro mastro de navio. Os coqueiros e palmeiras adejavam seus leques de folhas verdes á mercê da viração da tarde.

As frageis e esguias cecropias ou embaubas pareciam entristecer as scenas mudas dos bosques com os seus ramos em candelabro, com as suas umbrelladas copas de folhas pallidas, alimento dos tristes animaes tardigrados.

Quebrava apenas a mudez d'estas scenas prodigiosas da vegetação o terrifico tinir, de quando em quando, da cauda da eobra cascavel, ou o grito horrendo do faminto jaguar, interrompidos pelas agudas notas de som metalico do passaro (3) que em nossos bosques mais longe se faz ouvir...

E tambem Sumé atravessou um grande rio (4) que se despenhava de mui alto em uma formidavel caxoeira, e cujas aguas são tantas que coram e adoçam por muitas leguás as ondas do mar.

## VIII.

E ahí perto o povo, mandado por um grande capitão, chamado Sirigy, se preparava para guerrear e castigar outros seus parentes da banda do meio-dia, que se haviam rebellado.

E Sumé, vendo que estes povos castigavam a rebelião, julgou-os respeitadores das instituições da sociedade civil, e pensou que o ouviriam.

Porque a sociedade civil não pôde subsistir sem a idéa do castigo.

Pois as multidões que não temem se desenfrearem, e se fazem barbaramente arrogantes.

E ás vezes o predominio da recta razão, que é a suprema lei, constante, immutavel e eterna para os homens, só pôde alcançar-se por meio da força.

Porque embora chamem alguns ao homem animal racional é certo que elle é antes um animal *susceptivel de razão*; e só raciocina bem, quando cultiva com esmero suas faculdades mentaes.

Assim o castigo, e por consequente a guerra, muitas vezes servem a melhorar e a purificar as almas; e são os fiadores da ordem e do predominio da razão.

Os homens na essencia vaidosos, invejosos e egoistas, quando não sujeitos pelas leis e suas penas, são para os outros homens mais cruéis do que bestas feras.

Pois só por meio da sociedade podem os mesmos homens chegar a apreciar como virtudes a caridade e a piedade que tanto agradam ao Senhor.

E não duvideis que as leis foram feitas para provento e segurança dos homens e para sua felicidade.

Porém todo o que se liga em sociedade, a par dos gosos e direitos, contrahe obrigações e deveres para com os outros associados.

(1) Cabo de Santo Agostinho

(2) As Alagôas.

(3) Allude-se ao passaro que cantando imita o som do bater do martello na bigorna, pelo que se chamou ferrador.

(4) Rio de S. Francisco.

(1) Espirito mau; menos que *anhangá*.

(2) Paraná-mbuk.

(3) Ilha de Itamaracá.

(4) Cajú-y, licor de cajú.

«Ajuda-me, lhes diz, e eu vos ajudarei com todas as minhas forças; presta-me o vosso socorro, e conta com o meu prestimo.

«E a sociedade lhe responde: Exercita tuas faculdades; e terás o nosso auxilio. E te guardaremos dos teus inimigos; e alliviamos tuas penas; e te estimularemos nos teus trabalhos, e recompensaremos as tuas lides.»

A Providencia que sujeitára ao homem os animaes, fez os homens sujeitos uns os outros, desde que os creou desiguaes, physica e intellectualmente.

E esta desigualdade, longe de ser nociva ao genero humano, é um predicado indispensavel á vida e conservação do corpo social.

E a igualdade entre os homens, como alguns a querem entender sem maduro exame, é uma verdadeira chimera, que apenas encontrareis no silencio dos sepulcros.

E o Senhor, dispondo que houvesse na terra homens mais fortes, mais valentes, mais destros, e mais sabios e prudentes que outros, desde logo estabeleceu a sujeição d'estes aos primeiros. E dotando o homem do instincto de admirar a memoria, os monumentos, e quasi a sombra dos heroes, incutiu em seu animo a tendencia de respeitar mais a sua geração que outra sem passado algum, e nos legou a instituição da nobreza, e com mais razão a da realleza.

E em verdade vos digo que nunca bemdirão tanto quanto devem ao Senhor os povos a quem elle brindar com um soberano benefico e justo, e com magistrados rectos e integros que afugentem da patria a desorganisação e o cahos.

## IX.

Entretanto os subditos de Sirigy foram á guerra e venceram.

E chegaram de victoria em victoria a uma grande bahia, e perto se alojaram.

E Sumé tambem ahi se alojou em uma choça ou tujupar, que construiu á borda d'agua, perto de Paripe.

Porém infelizmente acabada que foi a guerra o exercito de Sirigy se fraccionou em pequenas tribus e bandorias.

E cada uma d'estas construia sua *taba*.

E todos se entregavam de novo aos antigos vicios e barbarie.

E acreditavam nos falsos *pagés*, e rendiam culto aos seus biocos e tregeitos, e não faziam caso de Sumé.

E viviam os homens com varias mulheres em seus grandes ranchos.

E outros se entregavam á mollicie, e não desadoravam os vicios nefandos das cidades maldictas.

E as rixas e envenenamentos não tinham fim.

E tudo isto dava triste idéa da infancia da sociedade, ou acaso da sua caducidade, que é uma segunda infancia.

Em verdade todos os homens deviam bem conhecer e meditar em tal estado, para humilhar-se em sua stulta vaidade.

E os barbaros esfuracavam a cara por fazer-se mais bizarros.

E acreditavam na virtude e santidade dos seus *maracás*; quando brandidos em meio de dansas, bebendo os vinhos dos fructos da terra, e fumando a *peti-ma* ou folha de tabaco.

E nas festas matavam e comiam os prizioneiros inimigos, depois de lhes haver proporcionado para seu regalo uma das mais lindas *mocoilas* da *taba*.

E se esta ficava pejada do sentenceado tambem depois lhe matavam o filho de suas entranhas e o comiam, não por gula, mas por tomar vingança no sangue do inimigo até á ultima geração.

Porque devorados pelos novos buitres os cadaveres dos inimigos ficariam elles insepultos, e a vingança dos que se diziam offendidos sa ainda além dos umbraes da eternidade.

Sumé prégava contra todos estes usos, e recomendava a piedade com os mortos; e o barbaros se riam, e escarneciam d'elle e lhe cuspiam no rosto.

Até que repentinamente uma nuvem de fogo o arrebatou do meio da impia multidão, e foi arrojado em Cabo Frio.

E fez o Senhor que em Paripe ficassem as marcas das suas plantas, para deixar á posteridade um signal de que n'aquelle tempo a sua misericordia não faltou no intento de salvar estes povos, cuja existencia estava então occulta aos demais mortaes habitantes dos outros continentes.

## X.

Porém em Cabo Frio Sumé não foi mais afortunado do que antes.

Era na força do inverno e o povo soffria do rigor da estação, pois n'essa paragem sente-se effectivamente o frio.

E vindo todos saudar a Sumé com o seu conhecido *Ereupé*, o escolhido do Senhor se compadeciu d'elles, e lhes ensinou a produzir o fogo pelo atrito aturado de dous paus.

E os barbaros fizeram fogueiras, e se aqueceram, e acharam-se melhor.

E logo começaram a assar em covas, ou a *moquear* as suas viandas.

E encontrando-as mais saborosas quizeram tambem moquear a carne dos inimigos que aprizionavam.

Intentava Sumé cohibir este uso brutal, quando os ingratos hospedes projectaram assassinal-o, em recompensa do beneficio d'elle recebido.

Então ordenou o Senhor a Sumé que seguisse para deante, deixando tambem ali vestigios de suas plantas.

Apenas porém souberam os canibaes que Sumé partira, se juntaram todos em conciliabulos e corrilhos; e logo foram largando fogo aos matos, afim de que Sumé n'elles se não escondesse.

Mas ordenou o Senhor que chovesse tanto que as frias aguas do novo diluvio convertessem em lagôas e lagamares os bosques incendiados.

E junto ao maior d'elles em que estava Sumé, entre fogos subterraneos, fez erguer das entranhas da terra um gigante que salvasse o profeta, tomando-o sobre os seus hombros.

E ordenou a Sumé que seguisse; e dispoz que o gigante, fingindo-se dormido, não só guardasse a Sumé, para que pudesse seguir sua peregrinação; como d'ahi em diante atalhasse a barra do grande lagamar (1) que em virtude da frialdade das suas aguas se ficou chamando de *Y-teroig* (2) ou de *Nhiteroy*.

E mandou que no Cabo Frio encontrassem guardada as bestas feras; e que as cobras entrassem pelas *tabas* e *itaocas* (3), e os jacarés e os jaguares tragassem os incredulos ingratos.

(1) Bahía do Rio de Janeiro.

(2) Y, agua; *teroig*, fria.

(3) Ita-oca, casas de pedra ou cavernas.

## XI.

E Sumé lamentava a sorte d'aquelle povo sobre o qual fa recaír a justiça do Senhor.

Os trovões com relampagos pareciam querer acabar para os homens a idéa do silencio.

Logo os povos corriam como loucos, e as tribus se disseminavam nomades, e faziam umas ás outras guerra, e não tinham territorio por patria, e as fronteiras de suas nações não se entendiam além das do alcance dos tiros de seus arcos, e se exterminavam umas ás outras, ou pelo menos todas se enfraqueciam.

E Sumé sentado sobre uma pedra de granito chorava a sorte do povo condemnado, que deveria perecer ou fundir-se em outro povo pela presença de algum conquistador mais forte de espirito e coração, e bemquisto do Senhor.

E o affligiam os trabalhos, e as fomes e os gribões e as mortes que teriam logar de uma e outra parte para conseguir-se a regeneração que elle agora offerencia pacifica.

Porque uma tal regeneração só haveria de conseguir-se com a lei do Senhor; na qual unicamente podem os homens estar unidos e por conseguinte fortes.

E os miseros que a não seguem, debilitando-se de dia para dia, tem de ceder e de succumbir ante a simples presença dos mais fortes.

## XII.

E a noticia do castigo tremendo do Senhor se espalhou de boca em boca por aquellas gerações que viviam para as bandas da constellação das estrellas brilhantes em fórma de cruz.

E todas fugiam da beira do mar, imaginando que só a marinha poderia ser alagada em virtude da ira do Senhor.

E levavam consigo provisões de marisco, deixando na costa montes de ostras, nos quaes deram sepultura aos cadaveres dos que então falleceram.

E o Senhor fazia que novos signaes de pégadas do seu profeta se gravassem em outros logares por essas bandas.

E eu começava a sentir como um pezadello. E via que a mente se me offuscava, e que eu nada mais sabia de Sumé.

Por fim ouvi uma voz que dizia: «Contenta-te de seres *moranducára* do que sabes, que é quanto tens de transmittir á posteridade. Sumé irá para outras terras; porque aos surdos não é possivel fazer que ouçam as palavras do Senhor.

E uma lingua de fogo se viu no mais alto cimo do morro de Biraçoyaba, que parecia como a chamma de um vulcão.

E o monte se derretia em lavas de ferro.

E ahi se formava uma especie de cratera ou algar, (1) cujas cinzas quentes, depois se apagavam com as aguas de uma lagôa (2).

E ouvi a mesma voz de antes dizer-me:

«Ali esconderás o legado que deveis deixar ás gerações vindouras, para que os homens tenham mais uma prova da misericordia divina, que é de toda a eternidade, e durará até o dia do juizo.»—Amen.

F. A. V.

## VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA X.

ALTOS E BAIXOS DE LISBOA. QUINTA DO DUQUE DE ALFÔES. O JESUITA DUARTE E UM MEDICO RIDICULO. OS PENALVAS. CONCERTO IMPORTUNO.

30 de junho de 1787.

Depois de jantar puzemo-nos na rua para pagar visitas. Nunca vi em minha vida tão amaldiçoados altos e baixos, tão abruptas ladeiras, tão ingremes subidas, como se topam a cada passo caminhando por Lisboa; cincoenta vezes me julguei a ponto de despeñar-me no Tejo, ou de tombar em vallas areientas entre chinellos velhos, gatos mortos, e ciganas fuscas, que se acoutam n'essas espeluncas e esconderijos para ler a *bucna dicha*, ou vender amuletos contra febres e quebrantos.

A inquisição muito a miudo pilha estas miseraveis sibyllas e as vexa abominavelmente; ao passar pelas ruínas de um palacio que o terremoto demollra vi uma d'essas mulheres que arrastavam á claridade; se a filava nas garras algum familiar do santo officio ou se lhe tomava contas algum rufião burlado, é o que não pretendo nem posso afirmar. Como quer que fosse, tive a fortuna de se me arredar da vista aquelle hediondo vulto, cujas contorsões e uivos eram na verdade horriveis.

Quanto mais conhecemos Lisboa, menos corresponde á expectativa suscitada por sua magnifica apparencia do lado do rio. Se um viajante pudesse ser transportado subitamente, sem prevenção nem aparato, a diferentes partes, razoavelmente podia conjecturar que tinha atravessado uma serie de povoações ligadas desconcertadamente, e ficando-lhes sobranceiros massiços conventos. Os templos em geral são de um pezado gosto de architectura, o estylo de Borromini, com empenas *arrugadas*, cornijas e torrinhos *com folhos*, algumas á maneira das caixas de relógio da antiga moda franceza, como Boucher as desenha, com muitos arrebiques e floreos, para adornarem as salas de madame de Pompadour.

Esta tarde atravessamos a cidade em todo o seu comprimento, dirigindo-nos ao palacio de campo do duque de Alfões, e fornecemos a um copioso numero dos mais fieis subditos da rainha a oportunidade de admirarem na altura da caixa da carruagem o gibão curto do cocheiro e outros inglezismos da equipagem. O duque tinha sido chamado a um conselho de estado; só achamos o marquez de Marialva, que nos andou mostrando todos os aposentos da casa de campo, que nada tem notavel excepto uma ou duas vastas salas de bellas e assombrosas proporções.

Propoz-nos em seguida acompanhar-nos obra de meia milha mais adiante á quinta de Marvilla, propriedade de seu pae. Este sitio tem grandes bellezas pittorescas. As arvores são antigas e de fórmas caprichosas, curvando-se por cima de fontes destruidas e estatuas de guerreiros mutiladas, que o lapso dos annos serapintou de innumeraveis tintas de vermelho, verde e amarello. No centro de quasi impenetra-veis balsas de louro e buxo alteiam-se extravagantes pyramides de pedra lavrada, que rodeiam leões de marmore, de catadura magica e symbolica. O marquez tem o sentimento delicado de respeitar estes rudes monumentos de uma epocha em que seus ascendentes praticaram muitos feitos heroicos; e francamente me prometeu nunca as sacrificar, nem as venerandas sombras que abarcam as ruas, ao gosto ligeiro e loução da moderna jardinagem portugueza.

(1) O Valle das Furnas.

(2) Lagôa Dourada, onde o povo do Ipanema, ainda não ha muito, julgava que appareciam phantasmas, que guardavam thesouros escondidos.

Voltamos de passeio para casa por um luar sereno da lua cheia, que despontava detraz dos montes, na opposta margem do Tejo, o qual n'esta extremidade da metropole tem quasi nove milhas de largo. Lisboa, que poucas horas havia me parecêra tão desinteressante, assumiu mui diverso aspecto sob aquelle suave clarão. Os atrios, eirados, capellas, e pórtadas de varios conventos e palacios á borda do rio luziam como edificios de marmore branco, ao passo que as escabrosas ribanceiras e os mesquinhos telhados sobre ellas erguidos quasi jaziam submersos em sombras espessas. O terreiro do paço, por onde seguimos caminho, estava cheio de ociosos de todas as classes e sexos, pasmados para as vidraças illuminadas do palacio, na esperanza de ver n'um relance a sombra momentanea de sua magestade, do principe, das infantas, do confessor, ou das damas, escoando-se de um para outro aposento, e sendo alvo espaçoso de folgozãs conjecturas. Disseram-me que o confessor, ainda que um tanto adiantado na carreira dos annos, está longe de ser insensivel aos engodos da belleza, e segue de janella em janella as nymphas moças do paço com juvenil alicridade.

Davam as nove quando entramos em casa, e ainda bem não tinha repousado do passeio, e posta em ordem algumas plantas colhidas nas montas de Marvilla, tres distinctas badaladas da campainha na minha porta annunciaram a chegada de alguma personagem distincto; não me achei burlado, porque era o velho marquez de Penalva, e seu filho, que apenas haverá um anno, antes de lhe conceder a rainha o mesmo titulo do pae, chamava-se conde de Tarouca.

Tereis ouvido fallar muito n'aquelle nome que o avô do marquez velho assás illustrou em diversas e bem succedidas embaixadas: as suas brilhantes conferencias no congresso de Utrecht vem largamente descriptas na obra de madama de Noyers e em varios livros de memorias.

Os Penalvas traziam em sua companhia n'esta tarde um celebre jesuita, padre Duarte, que o marquez de Pombal julgou tão importante que por dezoito annos esteve encarcerado; e vinha tambem um medico alto, de joelhos desengonçados e faceira rubicunda, vestido de uma andaina magnifica de setim lustroso, um dos mais desestrados e presumidos professores da arte de matar que eu tenho topado. Entre o jesuita e o doutor não fiz pequeno esforço para manter-me comedido e serio: paltraram incessantemente, com pretensões de mui implicita admiração por tudo quanto vinha de Inglaterra, quer em materia de moveis quer de bellas-artes, e confundindo nomes, datas e individuos n'uma indigesta mixordia perguntaram se não era sir Peter Lely o actual presidente da nossa academia real, e espraíram-se em vivos encomios ao meu compatricio Hans Holbeim. Pedi licença para certificar a estes complacentes sabios que o ultimo dos mencionados artistas nascêra em Basilea; e que sir Peter Lely tinha morrido ha um seculo. Assombraram-se algum tanto com esta informação; apesar d'isso continuaram na cantilena á solta, disparando uma bateria de cumprimentos empolados ácerca do nosso progresso nacional em pintura, relojoaria, fabrico de meias etc. a tempo que entrou o general Forbes, e operou uma diversão a meu favor. Conversamos um pouco sobre o estado presente de Portugal, e os riscos que corre de ser absorvido pelas negociações, não pelas armas, de Hespanha no lapso de poucos annos.

O nosso discurso foi interrompido pela vinda de um rebequista, um padre, e um musico italiano, hu-

mildes creados e commensaes adultores de minhas illustres visitas; deram rijas taponas no meu pobre piano-forte, e tocaram symphonias quer eu quizesse quer não. Bem sabeis quão pouco sou apaixonado de sonatas, e que certos meio-tons e guinchos de rebeca, quando o musico revíra as alvas dos olhos, torce o besuntado queixo, e affecta extases, fazem-me embotar os dentes na bôca; a crispatura do doutor já era de sobejo para produzir o effeito sem o reforço de seus companheiros parasitas, o padre e o musico. O jesuita ao que parecia via-os com tão bons olhos como eu; o general Forbes fez uma prudente retirada; e o marquez velho, inspirado por um pathetico adagio, percorreu de subito a sala n'um passo que eu tomei pela abertura de um bailado heroico, e que, porém, desandou n'um minuete á moda portugueza com todos os seus pinotes e requebros, ao qual foi convidada parceira Miss S..., que viera ao chá, e que accedeu muito contra seu gosto. Inda bem não tinham concluido, o doutor alardeou a sua lugubre e esguia pessoa n'um arrebatado minuete *anguloso* que não tenho expressões para descrevel-o; de fórma que entre as artes irmãs, a musica e a dança, fizeram-me passar uma *deleitavel* noute!

(Continúa.)



MACROBIOS CELEBRES.

Poucos personagens historicos terá havido mais celebres em Inglaterra que o velho Parr (old Parr). Não ha rei algum, nem mesmo Henrique VIII, que seja mais conhecido do povo inglez.

Foi este pobre velho desencantado pelo conde de Arundell e de Surrey, em uma excursão ás suas propriedades de Shropshire. Era em 1635: Thomás Parr tinha então uns cento cincoenta e dous annos. O conde, consultando mais a sua vaidade, que o socego e a fraqueza do ancião, fel-o conduzir a Londres da aldeia de Winnington, onde residia, em uma pequena carroça de dous cavallos, em companhia de uma neta, e de uma especie de bobo, encarregado de divertir o macrobio com as suas graciosidades. Esta longa e ridicula viagem foi fatal a Thomás Parr, como era de esperar. Assediado pela curiosidade publica durante o transito, e na Strand (grande rua de Londres) para onde foi morar, obrigado a sujeitar-se a costumes novos, morreu a 15 de novembro do mesmo anno, e foi enterrado (não se sabe por que motivo) na abbadia de Westminster. Aos cento e vinte annos tinha casado em segundas nupcias, havendo um filho d'este consorcio!